



Pessach

Halina Grynberg*

Rio de Janeiro, Brasil

halinag@uol.com.br

Antes:

O elevador soluçava aos engulhos,
ouvidos tampados olhos arregalados,
assistia ao habitual.

Acuada no canto, mãe
deixava-se espancar com cotovelos e punhos
do térreo ao décimo andar,
tão longo o ritual
quão grave a falta?

Depois:

Eram duas as mesas.
Uma de costas para a sala
na cozinha onde sozinha comia a mãe
sempre longe dos outros,
olhos baixos despejados.
A outra, fantasmas e faraós ao redor,
na sala de jantar a toalha esquecida escoria
num gesto de rebeldia,
ali comia o pai.
Cada um absorvia a própria medida
de costas um para o outro
sabores amargos e sem sal, dela
carnes fartas sortidas, dele.
Em comum as batatas cozidas
e a filha assentada no canto
comendo o pão ázimo,
tempo de pragas.

Agora:

Renunciei ao mandamento de recordar.
Não me importam as quatro perguntas:

* Psicanalista e escritora.



sábia perversa teimosa experiente;
aguardo à penas a passagem e o porquê.

Recebido em: 07/02/2022.
Aprovado em: 20/02/2022.